

HOLMES, Brooke. *The Symptom and the Subject: The emergence of the physical body in Ancient Greece.* Princeton: Princeton University Press, 2010.

Em 1946, Bruno Snell publicou *A Descoberta do Espírito: Estudos sobre a Formação do Pensamento Europeu pelos Gregos*, juntamente com o monumental volume de Onians, *As origens do pensamento europeu: sobre o corpo, a inteligência, a alma, o mundo, o tempo e o destino*, surgido em 1951, e o não menos importante *Poesia e filosofia na Grécia Arcaica*, de Hermann Frankel, também de 1951, guiou a reflexão de gerações sobre o movediço período que demarca as origens da filosofia grega. Em contraponto ao projeto de Snell, o trabalho que apresento trata de uma questão à margem destes livros e de sua influência, trazendo novas luzes para a análise de problemas relacionados à gênese da atividade intelectual e do discurso filosófico. Em *O sintoma e o sujeito, a emergência do corpo físico na Grécia Antiga*, Brooke Holmes recupera a história da emergência do que chama corpo físico (*sôma*) ou “do corpo definido em sua *physis*”¹. Ela localiza o marco zero da história desse conceito na épica de Homero, citando a passagem do Canto V² da *Iliada* na qual Diomedes fere mortalmente Hipirônio, dando oportunidade para o poeta narrar o momento em que o herói depara-se com o corpo mutilado e ensanguentado do derrotado. O golpe de espada deixa à vista órgãos, ossos e articulações, revelando dessa maneira o invisível corpo interior antes contornado pela pele. O episódio no qual o herói se confronta com a parte interna do ferido evidencia o corpo que, Holmes sublinha³, se tornará alvo de investigação no mundo grego romano e ainda hoje permanece como objeto da biomedicina.

Tendo como referência o título do livro de Snell, a autora substitui a noção de descoberta, que traz em si a ideia de uma ação momentânea e objetiva, pela noção de emergência, que indica um processo gradual, fruto de múltiplos fatores e da ação de diferentes agentes. Ao reverso da descoberta do pensamento tematizada por Snell, o projeto de Holmes

¹ HOLMES, 2010, p. 279.

² *Iliada*, V, v. 146-147.

³ HOLMES, op. cit., p. 2.

intenciona evidenciar como desde o período arcaico vem a ser possível trilhar o caminho através do qual os gregos paulatinamente construíram um discurso sobre a natureza do corpo, um processo que segundo a autora encontra seu ápice na literatura médica do período clássico. *O sintoma e o sujeito* opera assim um deslocamento do objeto tratado por Snell, o que tem por consequência imediata a problematização de boa parte dos estudos que interpretam a filosofia antiga sem considerar apropriadamente esta questão. O projeto de Holmes guarda uma perspectiva própria ao reintroduzir o *sôma* como categoria de pensamento e relacionando a origem do conceito à investigação de um universo invisível cuja *dýnamis* dificilmente se submete ao controle humano⁴. O discurso sobre a natureza do corpo desse modo vincula-se a um processo de conhecimento que vai do visível ao invisível, tornando inteligível a organização (e também a desorganização) deste universo antes imperceptível.

Além dessa premissa de ordem metafísica, a pesquisa de Holmes se distingue por não ter em vista produzir um estudo sobre o contexto histórico propiciador do fenômeno da gênese do conceito de corpo físico. Ao revés, a autora assume que o processo por ela analisado se insere em uma rede de múltiplas influências, compartilhando um *momentum* [sic] com diferentes tipos de saberes e *práxeis*⁵. Desta maneira o livro examina não somente a gênese de um objeto de estudo; igualmente ele dá conta de esclarecer como a origem desse objeto conceitual esteve envolta em um processo civilizatório que chega até nossos dias. A autora indaga-se sobre as razões que justificam uma civilização fundada na primazia da alma sobre o corpo, um alicerce que segundo ela se articula em autores como Demócrito e Platão. Ela menciona o fragmento B31 de Demócrito classificando-o como “programático”⁶; diz o fragmento: “A medicina cura a doença do corpo enquanto a sabedoria livra a alma de sofrimentos” (ιατρική μὲν γὰρ σώματος νόσους ἀκέεται, σοφίη δὲ ψυχὴν παθῶν ἀφαιρεῖται, B31). A autora admite que algum tipo de dualismo expresso na relação entre corpo e alma é inerente à natureza humana⁷, mas chama atenção para o fato de

⁴ HOLMES, 2010, p. 20.

⁵ Ibid., 2010, p. 22-23.

⁶ Ibid., p. 204.

⁷ Ibid., 2010, p. 22; ver também p. 6, n. 24.

que se torna urgente esclarecer os pontos de separação ou conexão entre as duas partes que integram o ser humano⁸. Assim sendo, o livro se coloca na contramão das pesquisas que priorizam a *psykhé* na investigação sobre a origem do problema da relação corpo e alma entre os gregos.

Segundo ela, há um problema em se atribuir à alma toda a responsabilidade pela definição da ação. O livro cita⁹ o passo 37a-b da *Apologia* de Platão, linhas nas quais Sócrates diz não fazer outra coisa a não ser tentar persuadir aqueles que o escutam a cuidar (ἐπιμελεῖσθαι) antes da alma (τῆς ψυχῆς) do que do corpo (σωμάτων) e das posses (χρημάτων) e a tratar da alma tal que esta se torne tão boa quanto possível. Holmes se pergunta sobre a instância desde a qual colocações como esta passaram à base de nosso modo de pensar. Em sua argumentação, o centro da atividade reflexiva não está livre de influências de forças naturais¹⁰, impessoais e inumanas¹¹. Em seu entender, em analogia com o corpo a alma é vulnerável e a racionalidade comprometida com a alteridade de *dynámeis* ativas na natureza. *O sintoma e o sujeito* se interessa em examinar como os textos analisados entendem que a racionalidade da ação se encontra ameaçada por algo que foge ao domínio do agente e como, por outro lado, há um senso de que a racionalidade, ainda que não onipresente ou infalível, pode ser preservada. Se ameaças internas à ordem psíquica, formula a autora¹², funcionam analogamente a forças internas ao corpo, como um espaço para a inteligência pode ser preservado? Não vem a ser difícil perceber que essa pergunta formula um problema central da tradição filosófica; uma questão fundamental que até nossos dias carece de ser respondida. Afinal, em que medida a racionalidade define o ser humano?

A autora de *O sintoma e o sujeito* parece ciente da dificuldade conceitual que tem pela frente e dedica considerável esforço no intuito de engendrar ferramentas teóricas que lhe permitam desenvolver seu projeto. Em um primeiro momento ela se preocupa em explicar ao leitor o que exatamente considera “sintoma” e assentar a noção de “sujeito”. Logo

⁸ HOLMES, p. 23.

⁹ Ibid., p. 205-206.

¹⁰ Ibid., p. 210.

¹¹ Ibid., p. 22.

¹² Ibid., p. 210.

após, Holmes trabalha a ideia central de sua reflexão, à qual ela se refere como “corpo físico”. Seu projeto passa pela intenção de repensar as categorias através das quais até hoje se compreendeu o modo de ser do *sôma* e as relações implicadas na dinâmica de suas *dynámeis*. A proposta de se pensar o corpo em sua *physis* recusa a “categoria” de corpo como algo dado¹³. A autora acredita que o reconhecimento do processo de emergência do *sôma* pode significar uma ruptura conceitual e cultural, o que reveste o livro de ousadia e coragem, elementos essenciais para se semear em terreno tão árido quanto o campo dos Estudos Clássicos, sobretudo tratando-se de temas tão cruciais quanto delicados.

Ela esclarece que para o propósito de sua pesquisa o sintoma é uma perturbação (*disruption*) sem causa óbvia e quase sempre dolorida que aponta para uma dimensão imperceptível da realidade que transpassa o mundo visível¹⁴. Segundo a autora esta *perturbação* é o que permite que a realidade misteriosa e encoberta do corpo seja desvendada. Ela salienta que o que chama de sintoma não se identifica com um sinal mediador. Para efeito de sua argumentação, o sintoma origina uma “maneira de ver” fundamentada em saltos, tanto da esfera lógica quanto imaginativa, em direção ao invisível. O sintoma demanda inferências sobre causas, razões e motivações, na medida em que marca a quebra do limite da pessoa; o sintoma, explica Holmes, solicita que imaginemos a natureza e os limites do ser humano e que passemos a “ver” agentes e forças capazes de causar dores e dano¹⁵. A autora comenta¹⁶ que o sintoma requisita histórias (*stories*), o que equivale a dizer que o sintoma demanda um *lógos*. Por essa razão, em *O sintoma e o sujeito*, o sintoma não vem a ser exatamente uma janela para uma realidade oculta, mas sim “um fenômeno que auxilia na criação de visões de mundo”¹⁷. O livro constrói uma narrativa como quem conta uma história¹⁸; o relato que Holmes faz versa sobre a gênese de um objeto conceitual que em sua opinião desempenha um papel fundamental

¹³ HOLMES, 2010, p. 22.

¹⁴ Ibid., p. 2.

¹⁵ HOLMES, loc. cit.

¹⁶ Ibid., p. 252.

¹⁷ Ibid., p. 2.

¹⁸ Ibid., p. 275.

na cunhagem das noções de alma e subjetividade, que se tornaram elementos centrais no dualismo ocidental¹⁹. O ponto de partida dessa história é o sintoma que, como ela diz, permite que o corpo seja “visto” como um objeto físico e especificamente como um substrato impessoal e quase sempre imperceptível do ser humano.

O argumento crucial do livro reside na tese de que a noção de *sôma* emerge através da mudança na interpretação de sintomas em um determinado período histórico. Adotando uma expressão do tratado hipocrático *Da dieta*²⁰, *O sintoma e o sujeito* analisa como o corpo físico “se torna visível” (ἔς τὸ φανερὸν ἀφικνεῖται). A tese do livro reside na ideia de que a noção de natureza humana abrange um mundo invisível previamente aliado ao divino que ela chama de “forças daimoniacas”. Tendo incorporado parte desse universo invisível, o corpo se torna um foco de alteridade inumana²¹. A autora argumenta que ao mesmo tempo o corpo começa a moldar o entendimento da pessoa (*self*), adquirindo um significativo poder conceitual, imaginativo e cultural. Como resultado desse processo ela assinala que a emergência do corpo físico coincide com o aparecimento “de um novo tipo de sujeito ético”²². O livro argumenta que o corpo físico difere da pessoa porque não está sujeito a experiências provocadas por forças como desejo e vergonha²³. Livre dessas forças, o corpo desempenha um papel significativo na determinação da ação humana. De acordo com *O sintoma e o sujeito*, quando nos perguntamos por que agimos como agimos devemos levar em consideração esta característica do *sôma*, o que significa ter em conta forças que não agem ao nível da aparência ou da consciência, dada a sua natureza não humana e incontrolável²⁴.

Holmes argumenta que a necessidade de se encontrar uma regra para se governar o *sôma* aponta para o dever de administrar uma parte po-

¹⁹ HOLMES, 2010, p. 275.

²⁰ *Da Dieta*, I, 10, Jouanna.

²¹ HOLMES, op. cit., p. 275.

²² *Ibid.*, p. 3; cf. p. 276, onde a expressão ocorre no plural.

²³ *Ibid.*, p. 193.

²⁴ *Ibid.*, p. 193-194.

tencialmente perigosa do ser humano. Ela ressalta²⁵ que a gênese do corpo como conceito foi moldada não somente pela aspiração de pensar sobre o corpo físico, mas igualmente de agir sobre ele e revestir essas ações de credibilidade e autoridade. Holmes fala não apenas de um processo de conhecimento, mas igualmente de um processo de controle do corpo²⁶. Nesse movimento, o livro reconhece a importância da consolidação do status da *tékhnē*, então definida (contra Heidegger) como um *corpus* de conhecimento que viabiliza a intervenção ativa do homem no mundo com vistas a torná-lo mais maleável às suas necessidades e desejos, alcançando resultados possíveis de serem previstos, explicando como esses resultados ocorrem ou deixam de ocorrer e podem ser comunicados²⁷. Ela argumenta que a *tékhnē* médica tem como fim preservar o corpo da dor e do perecimento causados por forças que essa mesma *tékhnē* não tem o poder de controlar plenamente. Por outro lado, Holmes enfatiza que o corpo é igualmente uma economia de forças governadas por leis sujeitas à intervenção da *tékhnē*²⁸. A coalescência entre esses aspectos vem a constituir o fundamento para o que a autora denomina como “novas formas de subjetividade ética” e, em especial, de uma “ética do cuidado”²⁹. O comentário acaba por explicitar a afinidade entre Holmes e Michel Foucault e aqui se faz preciso “abrir parênteses” para examinar os pontos de contato entre *O sintoma e o sujeito* e o trabalho do pensador francês.

Há não muito tempo esse último estudou o diálogo pseudoplatoniano conhecido como *Alcíades Maior* e localizou nesse texto a origem da ideia de subjetividade na filosofia. A análise de Foucault foi recebida com uma saraivada de críticas por parte dos classicistas. Segundo o modo de proceder de Foucault, por princípio vem a ser pertinente projetar, como de fato o fazemos a todo momento em nossas pesquisas, conceitos cunhados na modernidade para a interpretação de textos antigos. A autora lamentavelmente não se pergunta sobre a procedência de se falar em sujeito no período da produção dos documentos textuais que examina.

²⁵ HOLMES, 2010, p. 276.

²⁶ HOLMES, loc. cit.

²⁷ Ibid., p. 25, cf. esp. n. 86.

²⁸ Ibid., p. 276.

²⁹ Ibid., p. 195; esp. p. 275.

Holmes parece se solidarizar com Foucault, mas a seu turno não apresenta nenhum argumento consistente com vistas a persuadir seu leitor da legitimidade de se tratar as implicações do processo de emergência do conceito de natureza do corpo físico a partir da noção de subjetividade. Com a expressão “novas formas de subjetividade ética”, ela sugere o alargamento do conceito de subjetividade de tal modo que este conceito passe a abarcar as forças impessoais que agem no corpo; no entanto, a noção de sujeito soa deslocada. A exemplo dos textos de Foucault, em *O sintoma e o sujeito*, também os conceitos de “cuidado”, “terapia” e igualmente o de “ética” carecem de maiores explicações, o que em parte causa decepção, já que o livro analisa a literatura médica onde as noções de *epiméleia* e *therapeía* são centrais. A autora preocupa-se em analisar as consequências da emergência da ideia de natureza do corpo em termos éticos, mas seu entendimento de ética é moldado por diretrizes típicas do racionalismo ao qual seu trabalho se opõe.

Cabe ainda registrar um terceiro aspecto da tese de Holmes relacionado a Foucault. Tenho em mente o comentário ao pronome reflexivo “si” (*beautoû*) que ocorre na exortação contida na expressão “cuidado de si” (*tô beautoû epimeleísthai*) analisada por Foucault tanto no curso sobre a origem da subjetividade no *Collège de France*, quanto no terceiro volume de sua *História da Sexualidade* (sempre a partir do exame do diálogo *Alcibíades Maior*³⁰). Com a ajuda de Eric Havelock e de outros³¹, Holmes assinala³² a correspondência entre o “si” e a alma, querendo ressaltar que o cuidado de si, equivalente ao conhecimento de si proposto na exortação escrita no frontal do templo de Apolo em Delfos, “Conhece-te a ti mesmo” (*Gnôthi sautón*³³), promulga o cuidado devido antes à alma do que ao corpo. Com o auxílio dos comentadores, Holmes muito rapidamente se filia à tradição na qual Foucault ele mesmo se inscreve, a qual identifica alma à subjetividade³⁴. A análise do *Alcibíades* em *O sintoma e o sujeito* tem por objetivo fundamentar com evidências textuais a tese de que, como fundador do

³⁰ Cf. esp. PLATÃO. *Alcibíades*, 127c.

³¹ HOLMES, 2010, p. 206, n. 48.

³² *Ibid.*, p. 208.

³³ Cf. PLATÃO. *Alcibíades*, 124a-b; *Protágoras*, 343b.

³⁴ HOLMES, *op. cit.*, p. 195.

dualismo que fez escola na tradição da filosofia, Platão, ou o autor do diálogo, escreveu uma peça literária exemplar na qual Sócrates, embasado em um raciocínio filosófico, aconselha o político debutante Alcibíades a cuidar não tanto do corpo, mas da alma se quiser realizar seu projeto de se tornar um político poderoso³⁵.

A autora tem o propósito de mostrar como o texto demarca a *psykhé* como substrato da pessoa³⁶. Ela comenta que a ação de Sócrates consiste em exortar Alcibíades a cuidar de si, sendo que, para o jovem, o que implica esse cuidado permanece como algo obscuro. Torna-se preciso complementar o comentário de Holmes observando que o significado da exortação e o modo de a colocar em prática constitui o objeto que Sócrates se propõe a investigar com seu interlocutor, já que o significado dessa frase e a ação que lhe corresponde não são claros para ele próprio³⁷. Holmes cita o passo 129e do diálogo com vistas a evidenciar como o autor do texto expressamente determina que o corpo é outro (*béteron*) em relação ao “si” de “si mesmo”; entenda-se ao que o ser humano é³⁸. Aparentemente o argumento de Sócrates se choca com sua intenção de afirmar o papel ativo do corpo físico na integridade da pessoa. Acompanhando análises prévias, Holmes não se permite explorar a hipótese de que o texto não rompe com o conceito de corpo físico tal como ela defende, com afirmações como: “mais de uma vez nos diálogos de juventude encontramos Platão definindo o valor da alma como pessoa ética contra o corpo”³⁹. Como a mesma admite⁴⁰, Platão e também Demócrito perceberam a vulnerabilidade da alma ao mesmo tempo em que defenderam a necessidade de esta cuidar de si nos mesmos moldes em que a literatura médica recomendava cuidados em relação ao corpo. Seria interessante considerar que o texto do *Alcibíades* não diz que a alma tem o poder de se sobrepor ao corpo, o que significaria dizer que a alma possui a *dýnamis* de neutralizar as forças da *phýsis* atuantes no corpo ou fazer valer seu desejo ou decisão contrariando forças impes-

³⁵ PLATÃO. *Alcibíades*, 105b.

³⁶ HOLMES, 2010, p. 207.

³⁷ PLATÃO. *Alcibíades*, 116e, 124a, 127d, 129b, 132b-c.

³⁸ HOLMES, loc. cit.

³⁹ Ibid., p. 208.

⁴⁰ Ibid., p.195.

soais naturais ao corpo físico. Tudo que Sócrates recomenda é o exercício de controle das forças daimoniacas (para usar a terminologia cunhada por Holmes) através do estudo e do aprendizado de que a alma é capaz⁴¹.

Uma possibilidade de leitura do diálogo poder ser levantada a partir de categorias cunhadas pela própria investigação de Holmes. A análise empreendida no *Alcibiades* se baseia no pressuposto de que o raciocínio, portanto a palavra, tem uma função semelhante ao que a autora chama de sintoma. Na filosofia de Platão, o sintoma (leia-se “a palavra”) dá ensejo ao contato com um mundo invisível, mas estável. Explorado nesse sentido, o texto que para a autora (e também para Foucault e outros) é o berço da subjetividade apenas reconhece que a alma é o que distingue o homem⁴² precisamente em função do poder (*dynamis*) que esta possui de “ver” a realidade oculta e perene, que a seu turno consiste no fundamento do mundo aparente. A palavra vem a ser o “sintoma” desta realidade, o que equivale a dizer que o *lógos* ordena a possibilidade da visão da realidade invisível aos olhos, mas inteligível à pessoa. Na *República* o discurso, e não a subjetividade, é o guia na ação de investigar⁴³, o que sinaliza o *lógos* como um ponto de controle da ação exterior a quem investiga. Ao ressaltar a alma, o texto do *Alcibiades* não a remove de sua corporeidade; incorpórea e invisível, para Platão, é a realidade de bens como a justiça, a beleza, o útil e a bondade⁴⁴. Como sustenta Andrea Nightingale⁴⁵, Platão transgride a tradição falando de dois diferentes “si mesmos” (“*selves*”) em relação a diferentes modos de autoconhecimento. O primeiro deles relaciona-se com o filósofo, que conhece a si mesmo conhecendo verdades que ele mesmo não consegue alcançar. Nightingale escreve que a esse “eu” consciente e racional Platão contrapõe um outro, identificado com a alma incorpórea que contempla as Ideias e compreende a si mesma em função desses seres. Em *Aporia e autoconhecimento em Platão*, ela argumenta que essa alma trans-

⁴¹ Cf. PLATÃO. *Alcibiades*, 113c.

⁴² PLATÃO. *Alcibiades*, 111e, 130d.

⁴³ Cf. PLATÃO. *República*, 368b, 394d.

⁴⁴ Cf. PLATÃO. *Alcibiades*, 109a, 118a; *República*, 402c.

⁴⁵ NIGHTINGALE, Andrea. Plato on *aporia* and self-knowledge. In: NIGHTINGALE, A; SEDLEY, D. (Ed.). *Ancient models of mind: Studies in human and divine rationality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 8-26.

migatória se encontra, contudo, encarnada em uma pessoa específica, em um tempo e lugar demarcados. A explicação de Nightingale interessa ao leitor de *O sintoma e o sujeito* porque se propõe a analisar a racionalidade por um caminho diferente do estabelecido pela categoria da subjetividade. A alma encarnada, diz essa última autora, vai e vem no percurso entre uma vida pessoal no mundo e a “visão” impessoal de uma realidade diferente. O artigo argumenta que essa “dupla vida” da alma gera um novo tipo de pessoa (“self”) dramatizada e conceitualizada em ocasiões em que o filósofo explora o autoconhecimento.

A leitura que proponho do *Alcibiades Maior* deseja abordar alternativas em relação à interpretação aceita pela crítica de nosso tempo e colocar em questão o comentário que sustenta que Platão é o pai do dualismo dominante na tradição da filosofia. A análise de Nightingale que acabo de mencionar não reconhece uma “nova subjetividade”; por sua vez aponta para uma concepção distinta de pessoa e discute os limites da racionalidade com base na duplicidade de sua natureza. O parêntese que se fecha aqui tece considerações periféricas que não atingem o âmago do livro de Brooke Holmes, mesmo porque a tese de *O sintoma e o sujeito* pode ser uma chave para a compreensão da teoria da motivação nos diálogos platônicos.

De volta à apresentação do livro, a autora destaca⁴⁶ que o aparecimento do corpo físico está inserido no movimento intelectual que Platão chamou de “investigação sobre a natureza” (περὶ φύσεως ἱστορία⁴⁷). Uma busca que conhecemos por fragmentos de autores dispersos transmitidos muitas vezes de maneira problemática que, como salienta a autora⁴⁸, procuraram conceitualizar as forças subjacentes ao mundo visível como forças impessoais. Entre os textos dessa índole ela estuda com especial atenção os tratados sobre a *tékhnē* médica nos quais, segundo a autora, o processo de gênese do corpo físico pode ser examinado de maneira clara e precisa. O privilégio concedido aos textos da medicina naturalista do final do quinto e início do quarto séculos é justificado por Holmes por um du-

⁴⁶ HOLMES, 2010, p. 4.

⁴⁷ PLATÃO. *Fédon*, 96a8; cf. PLATÃO. *Fedro*, 270a1: μετεωρολογίας φύσεως πέρι.

⁴⁸ HOLMES, op. cit., p. 5.

plo argumento⁴⁹. Ela aponta uma razão de ordem prática: os tratados médicos com aproximadamente sessenta textos representam um dos maiores *corpora* do período clássico à disposição do pesquisador interessado em investigar as ideias sobre a natureza do *sôma* entre os gregos. Holmes observa igualmente que este grupo de escritos advoga um certo grau de independência alegando, como faz o autor do tratado *Sobre a medicina antiga*⁵⁰, que somente a medicina pode investigar “o que o homem é” (ὅ τι ἐστὶν ἄνθρωπος). Desta forma, os médicos deste período possibilitam o acesso a ideias e afirmações sobre a natureza humana, o corpo e as doenças que estavam em debate então. Segundo a autora, esses textos permitem que se veja como as causas do sofrimento foram atribuídas a forças e agentes não pessoais⁵¹. Não passa despercebido a Holmes que Aristóteles chamou os autores envolvidos na pesquisa sobre as forças em ação na natureza de *physiologoi*⁵² e de *physikoi*⁵³. A presente obra deve ser compreendida como parte integrante do empreendido por alguns estudiosos no sentido de investigar a noção de *phýsis* trabalhada pelos que primeiro se lançaram na investigação sobre o mundo exterior e sobre a relação entre esta e a natureza humana⁵⁴.

Holmes sublinha que o princípio orientador da investigação do grupo de autores que escreveram em prosa sobre a *phýsis* se encontra sucintamente definido pelo mesmo tratado hipocrático *Sobre a medicina antiga*. Esse texto reconhece que as coisas que constituem o mundo exterior “estão dentro do ser humano e o fazem sofrer” (τῶ ἄνθρωπῳ ἐνεόντα καὶ λυμαινόμενα τὸν ἄνθρωπον⁵⁵). Para a autora, o *corpus* hipocrático desenvolve com particular vigor a investigação de como esse “dentro” (ἐν) participa das forças que agem no mundo exterior. O texto de Holmes destaca⁵⁶ que para a medicina antiga esse “dentro” é o corpo físico, “onde o processo da vida acontece e onde a doença se desenvolve, via de regra

⁴⁹ HOLMES, 2010, p. 24.

⁵⁰ ΠΕΡΙ ΑΡΧΑΙΑΣ ΙΗΤΡΙΚΗΣ, 119, 7 Jouanna.

⁵¹ HOLMES, op. cit., p. 275.

⁵² ARISTÓTELES. *Metafísica*, 990a3.

⁵³ ARISTÓTELES. *Física*, 184b17.

⁵⁴ HOLMES, op. cit., p. 10.

⁵⁵ 1.602 = 136, 9 Jouanna.

⁵⁶ HOLMES, op. cit., p. 3.

no limiar da consciência”. Em função de esse domínio estar predominantemente escondido, diz a autora, a maior parte do que lá acontecer só pode ser detectado através de sintomas. Ela sublinha que a emergência do corpo se dá de maneira análoga à emergência da investigação sobre a natureza. A propósito, Holmes lembra a sentença atribuída a Anaxagoras, que observa: “a visão das coisas invisíveis se dá pelo fenômeno”⁵⁷. Ela conclui que “os sintomas são como trampolins em direção a um mundo invisível que demanda ser conceitualizado”⁵⁸. Se a épica e a poesia arcaica demarcaram o limite do humano confrontando o homem com divindades, para a autora a literatura médica encoraja as pessoas a repensarem a esfera que permanece oculta em termos de *dynámeis* tais como “o quente” e “o frio”. De acordo com *O sintoma e o sujeito*, os sintomas estendem o domínio de tais forças até o *sôma*, desse modo redesenhando as fronteiras do humano⁵⁹.

Em *O sintoma e o sujeito* o papel desempenhado pelo corpo físico na gênese da noção de natureza humana é explicado em termos de sua identidade característica. Holmes argumenta que por um lado a *tékhnē* médica vem a permitir ao iniciado vencer a barreira da invisibilidade, tratar da doença e intervir a favor da saúde através da reconstituição racional do funcionamento do interior do *sôma*, que se torna dessa maneira um modelo de inteligibilidade. Por outro lado, o corpo é percebido como algo não confiável e não familiar, suscetível à desordem, afastado da consciência e regulado não por intenções e sim por forças impessoais e não sociais. Se por um lado os autores dos tratados médicos pretendem fundar a medicina como uma *tékhnē* autônoma, tendo esta algo de determinado com o que se ocupar, Holmes sustenta que esses autores igualmente reconhecem que a qualquer momento esse objeto de conhecimento e manipulação pode se tornar inacessível⁶⁰. Ela comenta que os tratados de medicina enumeram inúmeros obstáculos impostos pela natureza do corpo e que resultam na impossibilidade da visão da relação entre causa e efeito: opacidade, variedades infinitas de constituições, a dinâmica fluida dos humores etc. Ela sublinha que esses tratados reconhecem que cada corpo físico contém

⁵⁷ Fr. 59 DK: ὄψις ἀδύλων τὰ φαινόμενα.

⁵⁸ HOLMES, 2010, p. 3.

⁵⁹ HOLMES, loc. cit.

⁶⁰ Ibid., p. 26.

fatores que ajudam a revelar ou a esconder a doença e que os textos médicos admitem que os corpos físicos são espaços de inúmeras possibilidades que excedem a capacidade da medicina de mapeá-las. O livro defende que a estranheza do corpo encorajou o interesse crescente pela *psykhe* como *locus* da pessoa e enfatiza que o *sôma* originalmente esteve longe de ser compreendido com um mero contraponto à alma. Como um objeto físico inteligível, a autora argumenta que o *sôma* contribuiu para que a alma fosse pensada em analogia, vindo esta a se tornar ao seu tempo tanto objeto de reflexão quanto de cuidado em textos filosóficos. Devido a sua afinidade com o corpo, diz Holmes, a alma também vem a ser assombrada por energias daimoniacas avessas à racionalidade.

A estranheza do corpo alia-se à estrangeiridade. Holmes sublinha a dificuldade da pessoa em perceber, entender e suprir as necessidades do *sôma*. Ela ressalta a impossibilidade de se implementar um desejo diretamente no corpo sem o emprego de técnicas apropriadas, como a manipulação de qualidades, forças e humores⁶¹. Por outro lado, dada a estrangeiridade do *sôma*, o que o corpo quer ou precisa não se evidencia tipicamente como um desejo para a pessoa. Ela destaca que apenas excepcionalmente a literatura médica descreve a pessoa intuitivamente ciente do que o corpo precisa. A sede e a fome são instâncias nas quais as necessidades do *sôma* se expressam como desejo, diz a autora, mas ela a seguir comenta que a simbiose entre o que o corpo precisa e o desejo só acontece se a sede e a fome tiverem a particularidade de se manifestarem como sede ou fome de um objeto específico⁶². A harmonia entre a pessoa e o seu *sôma* sem esforço tornaria a medicina inútil. A autora explicita⁶³ que o desencontro entre o que o corpo precisa e o desejo da pessoa (entenda-se da alma ou, se quiser, do “sujeito”) constitui a razão de ser da *tékhnē* médica. Seria interessante se o leitor se recordar que Platão reconhece que desejos como sede e fome não se dirigem a um objeto determinado e têm por fim a repleção⁶⁴. Da mesma maneira, Platão admite o aspecto utópico da harmonia entre as necessidades do *sôma* e o indivíduo. No segundo livro

⁶¹ HOLMES, 2010, p. 196.

⁶² Ibid., p. 197.

⁶³ HOLMES, loc. cit.

⁶⁴ PLATÃO. *República*, 437d-e; *Filebo*, 31e-32b.

da *República* Sócrates descreve uma cidade onde vivem os habitantes de um lugar saudável (*τόπον hygieian*), no qual, tendo as necessidades do corpo supridas, os homens desfrutam da paz e da saúde⁶⁵. Em sua descrição de uma cidade justa, em princípio os médicos não são necessários, o que deve ser interpretado como uma indicação de que onde há justiça há igualmente saúde⁶⁶. Deixando-se de lado a interpretação metafórica e raciocinando como faz Brooke Holmes, isso quer dizer que Platão atribui a Sócrates a opinião de que vivendo de maneira justa, os homens sabem o que dar ao *sôma* para suprir suas necessidades, evitando a doença. Na *República* a doença aparece em decorrência da introdução de elementos luxuosos que não atendem àquilo de que naturalmente o homem necessita, mas que integram a ordem do desejo próprio ao indivíduo⁶⁷. Esses elementos tornam a cidade “inchada de humores” exigindo a intervenção da medicina. O primeiro dos fatores responsáveis pela introdução da doença significativamente vem a ser uma alteração na dieta alimentar⁶⁸.

O descompasso entre o que o *sôma* precisa e o desejo da pessoa demarca dois últimos aspectos de *O sintoma e o sujeito* que eu gostaria de destacar antes de encerrar a apresentação do livro de Brooke Holmes. Por um lado, a *tékhnē* da medicina visa tornar possível manipular a natureza do corpo em prol do desejo de saúde, manifesta quando o corpo tem suas necessidades supridas sem falta ou excesso. Por outro, em consequência das características das forças que transpassam o corpo físico, como já se comentou, o controle do corpo torna-se problemático, o que imprime à medicina contornos peculiares. Como conhecedor da *phýsis*, o médico entende a natureza humana e dessa maneira sabe que, assim como acontece com o corpo, também vem a ser possível submeter parte da alma à medida. No diálogo *Górgias*, a diferença entre a medicina e a gastronomia se manifesta pela característica de a primeira ser uma *tékhnē* e preocupar-se com o conhecimento do que é bom para o corpo, enquanto a última tem como finalidade adular e produzir prazer⁶⁹. A metrcética aplicada ao desejo,

⁶⁵ PLATÃO. *República*, 372a-b, 372e, 401c.

⁶⁶ PLATÃO. *República*, 409e-410b.

⁶⁷ PLATÃO. *República*, 372c-d.

⁶⁸ PLATÃO. *República*, 372d-e, 373d.

⁶⁹ PLATÃO. *Górgias*, 464b-465c.

um método em afinidade com a fórmula gnômica “nada em excesso” (*me-dên ágan*⁷⁰) atribuída pelo fundador da Academia aos sete sábios da Grécia arcaica, tem como fim promover a harmonia entre ação e as necessidades do corpo. Esse é o momento no qual médico e filósofo se fundem em uma mesma pessoa. A metrética requer o conhecimento prévio do que é melhor para o indivíduo, o que por sua vez implica a aquisição da ciência do bem e do mal; uma *epistémē* que exige estudos sobre o ser das coisas e portanto demanda uma investigação ampla na qual se incluem pesquisas de ordem ontológica e metafísica.

O segundo ponto que gostaria de abordar a partir do descompasso entre o *sôma* e o indivíduo, tal como examinado por Holmes, diz respeito à relação entre *tékhnē* e *phýsis*. Tanto a manipulação das forças que atuam sobre o corpo quanto a metrética dos desejos buscam por vias diferentes dar ao corpo na medida correta aquilo de que ele precisa. Assim sendo, de uma maneira ou de outra a saúde depende de um conhecimento técnico que opera em afinidade com a natureza do corpo. Holmes chama atenção para o fato de que dessa maneira *tékhnē* e *phýsis* têm em comum um mesmo fim⁷¹. A importância que a *tékhnē* assume nesse contexto evidencia o valor do conhecimento para o ser humano; devemos contudo reparar que a *tékhnē* é um tipo de conhecimento associado à demiurgia e voltado para a produção de bens úteis ao *dêmos*. A utilidade em questão é de ordem pessoal e igualmente política; deve-se ter em pauta que a função do demiurgo é a *poiēsis* de bens úteis a todos. O médico e o filósofo se fundem dessa vez com a figura do político. A afinidade da *tékhnē* que cuida do *sôma* com a natureza se estende portanto não somente à filosofia; igualmente essa correlação se verifica como uma característica da política, a *tékhnē* que cuida do corpo da *pólis*.

Acredito que com o que se disse até agora o leitor pode formar sua opinião sobre a relevância da leitura de *O sintoma e o sujeito*. O livro interessa a investigadores dos mais diversos campos do conhecimento; seu caráter questionador e inovador o qualifica como um marco no estudo dos problemas de que trata, exigindo do pesquisador de nosso tempo atenção

⁷⁰ PLATÃO. *Protágoras*, 343b.

⁷¹ HOLMES, 2010, p. 196.

à sua argumentação. O estudo transcreve as passagens dos textos gregos analisadas sempre acompanhadas de traduções para o inglês e tem as notas ao texto no rodapé ao fim de página, o que facilita a consulta. *O sintoma e o sujeito* conta ainda com ampla bibliografia e projeto gráfico arrojado. Certamente o livro que comento não será o único a sustentar o ponto de vista nele defendido; outros autores com certeza virão juntar novas obras à sua tese, fomentando o debate sobre um dos mais importantes alicerces da civilização. A emergência do corpo físico, tal como conta o livro que apresento, é agora um tema em discussão.

Antonio Carlos Hirsch
PRAGMA - UFRJ